

José Martí: a derrota do intelectual radical na cena do capitalismo colonial

Iago Brasileiro da Silva Rocha

da Universidade Estadual de Goiás - Morrinhos - Brasil
iago.brasileiro10@hotmail.com

Lucas Pires Ribeiro

da Universidade Estadual de Goiás - Itapuranga - Brasil
lucas.ribeiro@ueg.br

Resumo: O presente artigo se ocupa de analisar a trajetória política e intelectual do cubano José Martí (1853-1895). A pesquisa procura observar em que medida o destacado revolucionário pode ser considerado um intelectual colapsado do ponto de vista político e institucional, tendo como protagonista dessa derrota as forças representantes do “capitalismo colonial” na América Latina. Defendemos a tese de que a derrota representa a continuidade do colonialismo espanhol, manifestada por meio de outras formas de opressão presentes na América Oitocentista, tais como o neocolonialismo imperialista dos Estados Unidos. O recorte temporal e espacial enfatiza Cuba a partir de meados do século XIX, tendo como arcabouço teórico as fontes primárias dos escritos martianos, destacando as *Obras Completas*, entre outros intelectuais especializados nos estudos sobre sua obra.

Palavras-chave: José Martí; Cuba; Intelectual.

Introdução

As Américas dão margem para diversas interpretações desde quando fora denominada de “Novo Mundo”¹. Ao longo do processo histórico esse “novo” território foi, e continua sendo, palco de conflitos e relações de poder, sejam eles de caráter político, cultural, religioso ou socioeconômico. Diante dessas disputas, enfatizando a heterogeneidade de povos e manifestações culturais que ocupavam o vasto território americano antes da chegada dos europeus, assim como durante o processo de colonização, existem inúmeras possibilidades de pesquisa.

Diante das possibilidades, a presente pesquisa está voltada para investigar a trajetória intelectual e política de José Julián Martí y Pérez (1853-1895), ou mais precisamente, José Martí. Nesse sentido, o artigo envereda na tentativa de ter uma leitura

¹ De acordo com a produção de O’Gorman (1992), a expressão Novo Mundo foi criada no início do século XVI, quando o navegador italiano Américo Vespúcio percebeu que as terras “encontradas” por Cristóvão Colombo não pertenciam à Ásia, como acreditava o navegador genovês, mas pertenciam a um novo território, um “Novo Mundo”, até então, desconhecido pelos europeus. Além disso, o intelectual mexicano apresenta como a ideia de invenção da América, tendo como princípio a imagem e semelhança da Europa, foi sendo construída historicamente por meio da produção intelectual, iniciada desde a segunda metade do século XVI.

abrangente sobre as Américas a partir de um pensador do próprio continente, observando a autenticidade e originalidade de sua produção. Partimos de um recorte temporal/espacial da América-Hispânica da segunda metade do século XIX. No decorrer do texto iremos nos ocupar do pensamento político do intelectual cubano², entretanto, procurando perceber sua tentativa na busca pela conquista da hegemonia no campo do pensamento hispano-americano, no intuito de dominar o âmbito da cultura política³.

O artigo tem uma problemática que está presente em todos os momentos da pesquisa, quando, ao término, temos a perspectiva de ter conseguido apresentar uma resposta, ou quem sabe ter levantado, pelo menos, uma hipótese para abordar o problema. Se o leitor/a dessa pesquisa entender como resposta, salientamos que não há a intenção de tornar a resposta definitiva, mas que possa reunir condições de aplacar, minimamente, algumas inquietações. O problema que norteará essa pesquisa é: José Martí pode ser considerado um intelectual radical que foi derrotado pelas forças políticas/institucionais do “capitalismo colonial”⁴, oriundas da modernidade, tais como o colonialismo espanhol do século XIX? Ao longo da discussão, como mencionado, o artigo tateará essa questão em várias oportunidades.

Nos últimos anos têm se intensificado o número de produções acadêmicas que versam sobre Martí e sua vasta produção intelectual em toda a América Latina⁵. Nesse

² Sempre aparecer no texto os termos: intelectual cubano ou revolucionário cubano, estamos nos referindo a José Martí.

³ Álvaro Bianchi (2018) apontou que a intenção de Gramsci na obra de Croce não era, unicamente, o seu sistema filosófico, mas mapear como o intelectual napolitano capitaneou a hegemonia no campo do pensamento italiano. Temos esse mesmo objetivo na pesquisa, no entanto, observando a trajetória intelectual de José Martí, observando até que ponto conseguiu se sobressair, ou não, na construção de uma hegemonia intelectual.

⁴ Esta expressão é para designar o início do regime de acumulação de capital diante das relações entre colônia e metrópole, mais especificamente, entre Europa e América. As colônias americanas, diante das condições impostas, ofereceram diferentes especiarias para as metrópoles europeias, em decorrência do processo de colonização iniciado no século XVI e estendendo suas raízes, de forma mais abrangente, até o século XIX. Nesse caso, o conceito está ligado aos anseios econômicos da corte espanhola. Embora existam algumas discussões críticas acerca do termo “capitalismo colonial”, a filósofa Marilena Chauí (2007), embasada na vasta produção de Marx, assegura que o “capitalismo colonial” não poder ser entendido como pré-capitalismo porque o significado semântico dessa última terminologia não diz respeito aos antecedentes da formação do capitalismo, mas, sim, a tudo aquilo que não se assemelha ao sistema capitalista. Portanto, de nossa parte, “capitalismo colonial” será uma das formas de apresentarmos o *modus operandi* das relações capitalistas e de exploração da Espanha para com as suas colônias americanas dentro do período colonial.

⁵ Na perspectiva apresentada por Pellegrino & Prado (2014), o termo América Latina, enquanto origem, encontra-se eivado de algumas interpretações que procuram compreender a própria construção da ideia da existência de uma América Latina. Por exemplo, atualmente existe uma corrente, embora minoritária, que apresenta a tese de que a construção da ideia de América Latina está associada com os interesses imperialistas da França dentro do século XIX. As primeiras décadas do supracitado contexto estiveram marcadas pelas disputas entre ingleses e franceses, quando essa disputa se alastrou consideravelmente além do espaço europeu, tendo impacto importante na América. De acordo com essa vertente, o viajante francês Michel Chevalier, no ano de 1836, teria sido o primeiro a apresentar a ideia da existência de uma América Latina, associando esse último espaço ao território francês, no qual acreditava que a França deveria liderar todas as “nações” latinas contra os interesses dos anglo-saxões. No entanto, existe outra vertente, muito mais presente na produção historiográfica, compreendendo que o conceito de América Latina foi construído

sentido, inúmeras são as pesquisas que traçam uma biografia detalhada e pormenorizada dos principais acontecimentos que marcaram a trajetória do intelectual cubano, dando ênfase ao aspecto cultural de sua obra. Entre essas produções é possível destacar às importantes contribuições de pesquisadores/as brasileiros, tais como; Eugênio Resende de Carvalho (2001), (2003), entre outros. Tendo esses e outros autores como referência, é importante frisar que a presente pesquisa não concentrará todos os esforços nas questões de cunho, estritamente, biográfico, procurando enfatizar, também, até que ponto a trajetória de vida interfere, de forma direta, na atividade de militância intelectual e política do revolucionário cubano.

No entanto, como mencionado, o objetivo geral da pesquisa, além de identificar de que forma Martí pode ser considerado um intelectual colapsado pelo colonialismo espanhol, procura compreender o interior de sua obra, mostrando como construiu e organizou o seu pensamento. Além disso, observa as perspectivas que apresentou para superar os problemas sociopolíticos enfrentados pelos países hispânicos, com destaque para Cuba. Quanto as angústias vivenciadas pelo intelectual cubano, estão sendo compreendidas como resultado dos séculos de colonização do território, e da subalternização imposta aos indivíduos, povos e sociedade que habitavam a América Latina no contexto da sua produção.

O trabalho está estruturado em três partes: no primeiro momento, nos ocupamos da (re)construção de sua trajetória político-intelectual, acompanhando o processo de formação intelectual do jovem, destacando a importância de Rafael Mendive (1821-1886) nessa etapa. No segundo momento, a pesquisa tecerá considerações sobre a importância que a literatura e o pensamento político tiveram na sua produção do intelectual, quando fez da escrita literária uma ferramenta política para se colocar contrário ao poder espanhol em Cuba, propondo, além da crítica, a necessidade de dar um “rostro”⁶ para a ilha caribenha⁷. Por último, buscamos apresentar a frustração da independência de Cuba diante da morte de Martí, ocorrida em 1895. A morte marcou não somente a derrota física do intelectual radical na cena do capitalismo colonial, mas foi uma derrota no campo das

pelos próprios latino-americanos na tentativa de construir uma identidade territorial para salvaguardar os interesses dos latino-americanos em detrimento dos anseios imperialistas dos Estados Unidos e dos países europeus. O presente artigo endossa a tese de que a América Latina foi uma definição cunhada pelos próprios intelectuais latino-americanos ao longo do Oitocentos.

⁶ Rostro no sentido de teorizar uma direção política e cultural para a ilha, aproximando-se de uma perspectiva de “identidade”. Além disso, é importante ressaltar que o século XIX, como nos lembra Julio Ramos (2008) e Maria Lígia Coelho Prado (2014), deve ser compreendido como o contexto de construção dos estados nacionais dentro da América Latina. Os acontecimentos políticos não passaram despercebidos da leitura martiana.

⁷ Sempre que aparecer o termo ilha caribenha estamos referindo a Cuba.

ideias, foi uma derrota do intelectual e da sua perspectiva emancipacionista para Cuba e para toda a América-Hispânica.

O nascimento do intelectual revolucionário e a América colonial

José Martí foi um intelectual que refletiu e produziu sobre diversos temas e, além disso, atuou em diferentes áreas do conhecimento, tais como; literatura, poesia, filosofia, escreveu para periódicos de jornais, produziu tratados políticos, entre outros. Diante dessa abrangência de temas, a sua vasta produção apresenta alguns desafios para os pesquisadores/as, isso porque trabalhar com a história intelectual, ou com a história dos intelectuais, não se apresenta como tarefa trivial. Por exemplo, Antonio Gramsci identificou essa mesma dificuldade quando se ocupou da produção de Benedetto Croce (1866-1952). Intelectuais que se dedicam a escrever sobre temas variados e de maneira fragmentária dificultam o entendimento de sua obra, precipuamente, porque as produções perpassam por diferentes áreas, dificultando o entendimento específico sobre o pensamento intelectual. Assim, como defendeu Álvaro Bianchi (2018), é fundamental reconstruir, para qualquer pesquisador/a vinculado à história intelectual e das ideias, o percurso e o cenário social, filosófico, político e histórico que o intelectual esteve inserido.

Nessa ótica, a análise que segue sobre a trajetória intelectual de Martí procura associar a perspectiva histórica, política e filosófica do revolucionário cubano. Para Bianchi (2018), não é somente a teoria do autor que interessa, mas o lugar que essa teoria ocupa no debate da história do pensamento, tanto historicamente quanto dentro do seu próprio contexto de atuação. A partir dessa consideração envolvendo leitura histórica, filosófica e contextual, uma rápida passagem biográfica sobre Martí:

Em 1853 nascia na cidade de Havana, Cuba, José Julian Martí y Pérez, num momento em que essa ilha era, junto com Porto Rico, a última colônia espanhola na América. Marcado por um profundo sentimento nacionalista e anticolonialista, o adolescente Martí já escrevia seus primeiros versos. Em 1869, durante a guerra cubana contra a Espanha (1868-1878), com apenas 16 anos foi detido por propaganda independentista e condenado a seis anos de prisão, sendo deportado, em 1871, para a Espanha, onde viveu de 1871 a 1874. Enquanto ganhava a vida dando aulas, Martí estudou, ainda que irregularmente, o restante de seu colegial, Direito, Filosofia e Letras nas Universidades de Madri e Saragoça. Em fins dos anos de 1874, conheceu de passagem a França e viajou para o México. Entre 1875 e 1881, viveu no México, Guatemala, Venezuela (CARVALHO, 2001, p. 17).

Embora a citação faça uma síntese dos principais desdobramentos que envolveram a trajetória do intelectual cubano, entre esses, destaque para a manifestação do pensamento independentista desde jovem, a própria formação intelectual tendo passado por diferentes áreas do conhecimento, Direito, Filosofia e Letras, assim como o fato de ter

percorrido diferentes países ao longo da vida, é válido pensar algumas situações, destacadas acima, de forma mais detalhada. Por exemplo, o contexto social de Cuba em meados do século XIX. É por meio desse contexto marcado pelo sufocamento da ilha caribenha, tanto pelo lado espanhol quanto norte-americano, que Martí construiu suas primeiras experiências e relações sociais. Período que, como destacou Carvalho (2003), foi marcado pela leitura crítica do jovem revolucionário cubano ao domínio colonial. Seu pensamento crítico trouxe inúmeras complicações, possivelmente, a mais representativa tenha sido a prisão que foi submetido aos 16 anos de idade por escrever e publicar manifestos anticoloniais.

Em meados do século XIX, embora mantivesse algumas colônias na América, entre elas Cuba, a Espanha não poderia ser considerada uma potência econômica e militar, pelo contrário, a maioria das ex-colônias já haviam declarado independência. O país europeu, no início do *Oitocentos*, sofreu com a invasão francesa conduzida por Napoleão Bonaparte, assim como outras situações que acarretaram na diminuição do prestígio e do poderio econômico, político e militar. Esse poder menor se tornou perceptível, levando o país ibérico a perder, quase que inteiramente sua influência na América⁸.

Na contramão da situação espanhola estava os Estados Unidos, que, de acordo com Bandeira (2009), ampliava seu poderio de forma surpreendente, levando em consideração que havia conquistado a independência recentemente, mais precisamente no ano de 1776. Percebendo o vácuo de poder deixado pela Espanha, os Estados Unidos conseguiram perceber a oportunidade para ampliar sua influência além das fronteiras. A ideia de influência esteve representada na ânsia de anexação de novos territórios, mais perceptível com a consolidação da Doutrina Monroe⁹, quando Cuba, ainda em condição de

⁸ Alguns autores têm apontado para a necessidade de analisar o processo de Independência que ocorreu na América-hispânica não somente como reflexo da capacidade de organização e resistência dos latino-americanos. Não se trata de menosprezar toda a capacidade de organização dos latino-americanos, mas de ampliar a leitura sobre o fato histórico, não deixando de observar a fragilidade política e econômica que a Espanha se encontrava no início do Oitocentos. As dificuldades do país europeu contribuíram para que a resistência dos povos latino-americanos alcançasse seus objetivos, representando pela emancipação. Entre esses autores é possível destacar as importantes contribuições de Chaunu (1971), e Lynch (2001).

⁹ A doutrina Monroe foi anunciada ao Congresso norte-americano no ano de 1823, anunciada pelo então presidente James Monroe. Preocupado com os interesses ingleses e de outros países da Europa em torno da América, assim, como ensaios de reconquista da Espanha junto as suas ex-colônias, o presidente Monroe construiu as bases da doutrina, que, em tese, assegurava que os Estados Unidos estariam atentos para com os interesses europeus no espaço americano se colocando como guardião dos interesses desses países recém-independentes, tanto na questão soberana quanto no âmbito da independência. No entanto, por detrás do ideal “a América para os americanos”, representação maior da Doutrina Monroe, é possível perceber que os Estados Unidos tinham preocupação em salvaguardar os seus interesses, principalmente, os de cunho comercial com os mercados da América, e, como destacado, percebia uma enorme possibilidade de anexar novos territórios. No entanto, todas essas pretensões poderiam sofrer agravos se porventura a Espanha reassumisse o controle político ou territorial dentro da América, assim como qualquer outro país europeu

colônia espanhola, aparecia como um território estratégico para ser conquistado na leitura dos estadunidenses.

Os Estados Unidos possuíam muitos interesses na anexação de Cuba. Talvez o mais significativo estivesse no fato da localização geográfica da ilha caribenha, demonstrando ser indispensável para a defesa militar dos Estados Unidos no Golfo do México. Na perspectiva apresentada por Bandeira (2009), o interesse de anexação não partia somente do vizinho do norte, mas tinha muita ressonância entre a elite agrária cubana, proprietária de escravos, que não fazia questão de esconder seu interesse de se tornar pertencente, de forma definitiva, aos Estados Unidos desde meados do século XIX.

A maioria do alto estamento cubano caminhava ao encontro dos anseios da elite escravagista do sul dos Estados Unidos, que percebia em Cuba um meio exponencial para alavancar os negócios relacionados ao açúcar, como asseverou Ortiz (1987). Por exemplo, a partir das primeiras décadas do Oitocentos, a elite escravagista estadunidense percebeu-se envolvida em disputa de grandes complicações político/sociais com os abolicionistas. Como os abolicionistas conseguiam adquirir cada vez mais força e, conseqüentemente, possibilidade de atuação no território político e econômico dos Estados Unidos, a elite escravagista percebeu na anexação de Cuba uma possibilidade de manter, nas mesmas bases da escravidão, os interesses econômicos.

É nesse contexto de efervescência e indefinições quanto ao presente e futuro próximo da América, que José Julián Martí y Pérez nasce, 1853, na cidade de Havana. Cuba, especificamente, por ser uma colônia espanhola, poderia ser entendida como um território em disputa. De um lado continuava sendo colônia da Espanha, de outro se via imersa diante da cobiça da elite política e privada estadunidense, com nítidas intenções de anexar o território cubano ao seu já vasto império territorial como salienta Florestan Fernandes (2007). Diante desse cenário de opressão sobre a ilha caribenha, os reflexos eram nítidos no cotidiano da população cubana, impactando diretamente a família de Martí, uma das vítimas da colonização, sobrevivendo com muita dificuldade.

O jovem Martí, às vezes, acompanhava seu pai, Mariano de los Santos y Navarro (1815-1887), que trabalhava na Guarda Nacional, recebendo pouca remuneração financeira pelo labor. Percorreu algumas cidades da ilha caribenha e, conseqüentemente, conheceram mais, profundamente, às dificuldades sociais e o regime de opressão que estava submetido o povo cubano. O seu pai era um oficial (da guarda nacional de Havana), porém o serviço tinha pouca relevância econômica, obrigando-o a trabalhar em diferentes

que viesse ocupar o vácuo de poder deixado pela Coroa espanhola. Para uma análise da Doutrina Monroe, e os interesses dos Estados Unidos, consultar Bandeira (2009).

frentes. Foi nessas viagens pelo território, conhecendo cidades e vilas, que Martí conheceu o professor Rafael Mendive. O professor tornou-se rapidamente alguém muito influente no pensamento político do jovem:

O encontro de Martí com o mestre cubano Rafael de María de Mendive (1821-1886) foi decisivo. Mendive, além de professor, era um delicado poeta e um patriota irredutível, dirigia escola em que Martí foi matriculado, logo descobrindo as excepcionais qualidades do rapaz. Pediu ao pai, e finalmente conseguiu autorização para custear seus estudos (REMATAR, 1983, p. 14).

Esse momento de interação entre professor e aluno foi importante para o processo de formação, principalmente, pelo fato de ter passado a conviver em um ambiente, no qual o conhecimento possuía um valor incomensurável. A influência do mestre sobre o revolucionário cubano pode ser atestada nas poucas cartas que escreveu ao professor. Em suas cartas é possível perceber a demonstração de um respeito imenso. Por exemplo, tratando-o de: “*padre generoso*” (MARTÍ, 1868, v. 20, p. 245), em outra passagem acrescentou: “*toda el alma de su hijo y discípulo*” (MARTÍ, 1871, v. 20, p. 247). A relação entre ambos não se restringiu ao contato da escola, estando presente em inúmeras outras ocasiões. Quando Martí foi preso e obrigado a executar trabalhos forçados nas minas de Cuba, escreveu ao seu mestre:

Trajalho ahora de seis de la mañana a 8 de noche e gano 4 onzas y media que entrego a me padre. Este me hace sufrir cada día más y me llegado a lastimar tanto que confieso a con toda la franqueza ruda que me conece que solo la esperanza de volver a verle, me há impedido martarme. (MARTÍ, 1869, v. 20, p. 246-247).

O sentimento que Martí demonstrou ter tido por Mendive foi profundo, ao ponto de assegurar que um dos motivos que o mantinham vivo, em decorrência das péssimas condições da prisão, estava ancorada na esperança de voltar a revê-lo. A prisão foi ocasionada pelos panfletos de cunho independentista e americanista que vinha escrevendo e distribuindo a população. Não demorou muito para os seus escritos encontrar o poderio colonial, que não titubeou, prendendo-o e obrigando-o a prestar trabalhos forçados. O jovem intelectual cubano, influenciado pelo seu mestre, defendeu enfaticamente uma pátria livre, um território sem o jugo opressor do colonialismo espanhol no primeiro momento e, posteriormente, a luta constante contra o imperialismo oriundo dos Estados Unidos.

As implicações relacionadas ao posicionamento crítico não estiveram restritas à prisão, isso porque o colégio particular que Mendive dirigia, chamado de *San Pablo*, foi fechado pelas autoridades espanholas, e o mestre do jovem e promissor intelectual cubano passou a viver impedido de exercer seu ofício como professor. O isolamento do mestre parece ter dificultado a continuidade da relação, pelo menos no sentido da comunicação.

A partir do fechamento do colégio, a reciprocidade entre ambos passou por um distanciamento considerável, não pela incompatibilidade de ideias, mas pela distância e dificuldade para se comunicarem.

Levando em consideração todas as dificuldades enfrentadas, prisão, exílio, fechamento da escola, vida no ostracismo, entende-se o porquê das correspondências entre Martí e Mendive terem sido poucas. No entanto, não há dúvida de que a compreensão sobre o universo educacional, cultural e, não menos importante, político do jovem intelectual passou prioritariamente pelas “mãos” do professor, que possuía leitura de cunho patriótico, defendendo de forma incontestável a independência cubana e, conseqüentemente, se posicionando contra o colonialismo espanhol, gerando inúmeras complicações, como mencionado anteriormente. Sobre esses aspectos, é possível mensurar que Mendive teve mais importância na formação do revolucionário que o próprio pai, dom Mariano, que parece ter se ocupado muito mais dos afazeres cotidianos, fator compreensível pelas dificuldades financeiras que a família enfrentava, do que necessariamente com a formação intelectual e política do filho.

Por meio de alguns poemas, tais como *Abdala*, publicado em 23 de janeiro de 1869, é possível perceber, mais diretamente, a influência de Mendive na formação cultural de Martí, precipuamente na leitura acerca de apontar para a necessidade da luta emancipatória. O poema está ancorado na análise que Martí faz da morte do jovem Abdala, que morreu nos braços de sua mãe. O poema retrata o conflito bélico entre cubanos e espanhóis. Antes de descrevê-lo, somente um adendo. É interessante observar que parece ser uma leitura antecipada daquilo que estava por vir, pelo fato de ter padecido no campo de batalha:

*Mis últimos suspiros, y mi alma!
Morir, morir cuando la Nubia lucha;
De nuestras fuerzas libertad la patria
Oh madre, no lloréis! Volad cual vuelan
[...] La vida de los nobles, madre mía
Es luchar y morir por acatarla [...]
(MARTÍ, 1869, v. 18, p. 23).*

O sentimento revolucionário esteve presente no cotidiano de Martí, e o poema, inspirado pelos ideais de Mendive, evidencia o início de sua escrita literária e política. Nessa ótica, reconhecendo a grandeza de morrer lutando pela liberdade do povo cubano. Pelos escritos, defendendo a necessidade de Cuba se tornar independente, foi preso no ano de 1869 e levado para a Espanha, em 1871. Momento esse que, apesar do sofrimento,

relatado nas cartas supracitadas acabou contribuindo para acrescentar outros fatores na sua visão de mundo¹⁰.

A vida na Espanha foi marcada pela agitação, quando conseguiu se manter ministrando aulas e estudando, mesmo que de forma laboriosa, no curso de Direito, Filosofia e Letras. Assim, despatriado, amadureceu, consideravelmente, lidando com outros valores culturais e sociais da metrópole espanhola, aprendendo, apesar da pouca idade, os desafios de viver longe da família e de não ter mais condições de vivenciar, na prática, os anseios da libertação de Cuba. No entanto, mesmo longe da terra natal, não se esqueceu da opressão que o povo cubano estava submetido. Assim, na Espanha, continuou escrevendo e denunciando às tiranias ibéricas na América. Apesar da importância dos escritos encontrava-se distante para construir a luta armada, visando, principalmente, o processo de independência.

Tendo conseguido deixar a Espanha no ano de 1874, permanecendo praticamente quatro anos na metrópole europeia, antes de regressar para a sua terra natal, Martí percorreu vários países da América, tais como o México, Guatemala, Venezuela, tendo uma estadia relativamente longa nos Estados Unidos (1880-1895), fixando-se precisamente na cidade de Nova York. O fato de ter percorrido outros países da América e, sobretudo, os Estados Unidos, foi importante, o quanto o pensamento e as práticas coloniais continuavam presente nos países que haviam conseguido conquistar o processo de independência, percebendo a exploração da maioria da população em detrimento dos interesses das elites dominantes.

Apesar de algumas transformações na ilha caribenha durante o Oitocentos, ocasionada pela perda do poderio espanhol, quem ainda continuava ditando as regras acabava sendo às elites oriundas do período colonial. Em muitos periódicos, Martí apontava a continuidade da colonização, mesmo em países independentes, além disso, sua passagem pelos Estados Unidos ajudou-o a compreender que estava surgindo, “ao lado”, outro poder tão soberano quanto o poderio espanhol. Esse novo “inimigo” era, justamente, o país no qual havia passado os últimos 14 anos de sua vida, os Estados Unidos. No ano de 1895, período que deixou o país norte-americano. Saiu em campanha pelo território cubano, travando um verdadeiro embate físico contra a Coroa espanhola, fato que

¹⁰ Por meio de seus escritos fica nítida a indignação sobre as condições e, ao mesmo tempo, defesa dos cubanos que viviam encarcerados em Cuba. É possível perceber essa denúncia por meio de um importante texto que data do ano de 1871, a saber, *El Presidio Político en Cuba*. Ver: Martí [edição das *Obras Completas* de 2001], v. 1, p.45-74.

culminou na sua morte (1895), na região de Boca Dos Rios¹¹. Diante disso, morreu no campo de batalha, lutando pela libertação nacional da ilha caribenha.

José Martí: da literatura à política

Martí se forjou enquanto intelectual na América a partir de meados do século XIX, dentro de um contexto marcado por transformações econômicas, socioculturais e políticas. A leitura crítica, adotada ao longo de toda a vida, foi construída pelo *modus operandi* da colonização espanhola dentro do território cubano e, de forma geral, em toda a América-Hispânica. Para compreender melhor o processo de construção desse intelectual revolucionário as considerações de Gramsci são importantes, principalmente quando afirma que: “Deve-se notar que a elaboração das camadas intelectuais na realidade concreta não ocorre num terreno democrático abstrato, mas de acordo com processos históricos tradicionais muito concretos” (GRAMSCI, 1982, p. 10). Esse terreno concreto, na situação de Martí, esteve diretamente vinculado ao processo de opressão e miséria que o povo cubano estava enfrentando no Oitocentos, resultado da violência da colonização espanhola.

O pensamento gramsciano pode nos ajudar a compreender como Martí esteve inserido dentro do contexto oitocentista e, conseqüentemente, acompanhando as agitações dos países da América Espanhola que ocorreram simultaneamente. Todo esse cenário de transformações resultou na ascensão de diversos intelectuais que se apresentaram para pensar a América, entre eles, o intelectual cubano. Nessa direção, Gramsci discutiu a importância dos intelectuais para a organização da cultura dentro da dinâmica da vida sociopolítica:

Quando se distingue entre intelectuais e não-intelectuais, faz-se referência, na realidade, tão-somente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica [...]. Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o homo *faber* do homo sapiens. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma **atividade intelectual** qualquer, ou seja, é um "filósofo", um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, **possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar** (GRAMSCI, 1982, p. 10, grifos nossos).

É importante notar que a relação entre intelectual, grupos subalternos e imprensa são fatores *sine qua non* para a criação de uma hegemonia de massa. Martí atuava

¹¹ Local da morte de Martí. Boca de Dos Ríos é um local específico na província de Santiago de Cuba. Nessa região, Martí acabou sendo surpreendido pelo exército espanhol na luta independentista.

como sujeito especializado na arte da escrita, dirigiu e escreveu para vários veículos de comunicação na tentativa de criar um grupo de sujeitos insurrecionais para romper com a ordem do poder metropolitano espanhol, em Cuba. Essa prática, diante de uma perspectiva gramsciana, pode ser traduzida como a atuação de um “intelectual orgânico” que se identifica com as pautas de uma determinada classe e torna uma espécie de porta voz, reivindicando os anseios de seu grupo, dando direção ao grupo para construir uma nova forma de sociabilidade ou, por outro, prisma, ter condições para trabalhar na conservação de um determinado *status quo*.

Percorrendo, praticamente, todo o continente americano, Martí teve contato com várias peculiaridades, mas sempre com o mesmo problema, a saber, os resquícios do colonialismo que pairavam no imaginário social das comunidades que povoavam a América-Hispânica mesmo depois da emancipação de vários países. Nessa perspectiva, o intelectual cubano exerceu uma função de construção de um pensamento latino-americano durante seu exílio. Sua contribuição jornalística e, ao mesmo tempo, com um tom poético para jornais de diversos países do mundo hispano-americano, tais como: *La Nacion* de Buenos Aires, *El Partido Liberal* do México, *La Opinión Nacional* de Caracas e *La opinión Pública* de Montevideu (RETAMAR, 1983), apontam para essa direção de crítica ao colonialismo.

O momento mais influente na trajetória martiana, guardadas as devidas proporções, foi nos Estados Unidos (1880-1895), tendo tido a oportunidade de conhecer a crescente sociedade estadunidense que estava se formando a partir de instituições que, no início, Martí teceu considerações elogiosas. No entanto, com o decorrer dos anos, o intelectual cubano foi percebendo o interesse real dos estadunidenses em relação ao restante da América, representada por meio da ideia de imperialismo e anexionismo. Não deixa de ser interessante de observar que essa leitura crítica acerca dos Estados Unidos se acentua na reta final de sua vida, a partir da década de 80 do século XIX. Porém, desde a adolescência, como destacado, posicionou-se, veementemente, contra o colonialismo espanhol, portanto, ainda percebeu o imperialismo que nascia ao “lado”, nessa situação, o estadunidense.

Percebe-se nos escritos, no exílio, nas viagens por países europeus e americanos que, gradativamente, Martí foi se tornando um “intelectual orgânico”, se consolidando enquanto homem revolucionário, não somente no campo das ideias, mas criando mecanismos para libertar Cuba no sentido prático, na luta, verdadeiramente, armada. O sentido libertário fica mais evidente na luta independentista cubana, combatendo a

hegemonia do domínio espanhol na ilha caribenha, mas não somente, conforme destacou Lopes:

Então, o amor à pátria, para o jovem Martí? Se sabe que ele não era indiferente, muito pelo contrário, à natureza, particularmente na sua obra madura. Mas para ele a essência do amor a pátria está no amor pelo seu povo, pelos seres humanos de sua pátria e, também como veremos ao amor aos seres humanos de outras pátrias (LOPES, 1997, p. 6).

A leitura, o posicionamento e os seus escritos extrapolaram as fronteiras cubanas, isso porque sua escrita não se limitou apenas ao território cubando, servindo como referência para todo o mundo hispano-americano, principalmente, na questão da emancipação humana e de sentimento de pertencimento ao espaço habitado, podendo ser compreendida como uma perspectiva de identidade latino-americana. Voltando a sua terra natal, fica evidente que sua preocupação com a independência de Cuba, desde jovem, permeou o seu imaginário. Apesar de ter sido um dos mais importantes intelectuais, foi um homem guerrilheiro que morreu por seu país (1895). Seu corpo caiu no chão de Boca Dos Rios. Considerado pelos cubanos como um apóstolo, um homem, como disse Che Guevara (1928-1967) (na quarta capa do livro *Nossa América*, organizado por Roberto Fernandez Retamar):

[...] Martí foi o mentor direto de nossa Revolução, homem à cuja palavra era sempre necessário recorrer para dar a interpretação justa aos fenômenos históricos que estávamos vivendo, homem cuja palavra e cujo exemplo era preciso recordar cada vez que se quisesse fazer algo transcendente nesta pátria, porque José Martí é muito mais que cubano, é americano; pertence a todos os vinte países de nosso continente e sua voz se escuta e respeita não apenas aqui em Cuba, mas em toda a América (GUEVARA apud RETAMAR, 1983, s. p.).

Nessa passagem, podemos notar que Martí não foi somente escritor do século XIX, mas que seu pensamento, o seu ideal de emancipação, de liberdade, perpassa por outros contextos sociais. Nesse sentido, seu ideário esteve presente na Revolução Cubana (1953-1959), sendo que o próprio Che Guevara, assim, como Fidel Castro (1926-2016), buscaram motivação nos escritos e nas ideias martianos para consolidar os meios de implementação da Revolução e, não menos importante, a ideia de libertação e harmonia entre e para todos os povos da América, conforme destacou Carvalho (2003, 117): “Sua ideia de pátria não se resumia a um mero pedaço de terra, sem vida e sem liberdade. Por isso viver numa pátria sem liberdade seria o mesmo que viver desterrado na própria pátria.” Fica nítido que a ideia de liberdade não está desassociada de igualdade, assim, como possuir bens não tinha significado algum se não estivesse relacionada a liberdade para toda a sociedade. Em tese, liberdade e harmonia são palavras ligadas a ideia de pátria martiana.

Como mencionado, a sua escrita deve ser compreendida por meio da originalidade jornalística e, ao mesmo tempo, poética. Seus textos evidenciam o interesse que tinha

perante a literatura como meio de comunicação. Como intelectual, compreendeu que para conseguir implementar seus ideais de libertação e independência seus escritos deveriam alcançar um público amplo, tendo encontrado na literatura um importante vetor para alcançar esse objetivo. Por exemplo, *Versus Singelos*, publicada em 1891, em Nova York, tendo sido sua última obra produzida, trouxe consigo uma escrita literária que enaltece a ilha caribenha. Sua atividade literária revolucionou a literatura de língua espanhola, apresentando uma forma de escrever voltada para a América e para suas peculiaridades. Nesse sentido, o intelectual cubano tinha na escrita uma das suas “armas”, como podemos perceber a seguir:

*Si ves un monte de espumas
 Es mi verso lo que ves
 Mi verso es un monte, y es
 Um abanico de plumas.*

*Mi verso es como un puñal
 Que por el puño echa flor:
 Mi verso es un surtidor
 Que da un agua de coral.*

*Mi verso es de un verde claro
 Y de un carmín encendido
 Mi verso es un cievo herido
 Que busca en el monte amparo.*

*Mi verso al valiente agrada:
 Mi verso, breve y sincero,
 Es del vigor del acero
 Con que se funde la espada
 (MARTÍ, 1891, v. 16, p. 72).*

Neste trecho é possível perceber a relação envolvendo literatura, fatores socioculturais e políticos. Nessa ótica, a escrita literária martiana foi ao encontro dos impasses enfrentados pela América Espanhola. Seus versos trazem uma sutileza e, ao mesmo tempo, um vigor de luta para a construção de uma *patria libre*. Nessa esteira, escreveu: “*Mi verso es un cievo herido*” (MARTÍ, 1891, v. 16, p. 72). Essa afirmação nos leva a interpretação de que sua escrita refletiu, indubitavelmente, a ideia de um homem/intelectual ferido pelas mazelas e sofrimento de seu povo, entretanto, que não abandonou os seus ideais, fossem de luta emancipatória ou de resistência. Mesmo que

sujeito a todo tipo de mazela, Martí procurou apoio nos versos, como forma de entender o contexto, e fazendo desses versos um meio de chegar ao povo cubano convocando-o para a luta, pela independência.

Para compreender a trajetória martiana é preciso contextualizar não somente o período de sua vida, mas também sua ação política. Por isso, a insistência em fazer um entrelaçamento entre biografia e produção intelectual. A sua rebeldia não deve ser compreendida somente no enfrentamento guerrilheiro, mas por meio da escrita, isto é, um sujeito da ação e do envolvimento entre teoria e prática, que agitou, com seus textos, panfletos, com sua literatura, o povo cubano. Nessa esteira, Ramos (2008) afirmou que o intelectual cubano foi um homem de “vida de papel”, ou seja, um escritor por essência, que acreditou no poder das letras para derrotar o colonialismo espanhol.

A frustração da emancipação cubana: legado revolucionário e derrota política em Martí

O processo de independência de Cuba observado na ótica de longa duração, envolveu em três recortes temporais fundamentais para se compreender o fenômeno histórico que desemboca na vitória a partir de meados do século passado. No Oitocentos, por exemplo, é possível destacar A Guerra dos Dez Anos (1868-1878), Guerra Chiquita (1879-1880) e Guerra Necessária (1895-1898). Nesse sentido, para pensar a independência cubana é necessário contextualizá-la dentro do tempo/espço que esse marco esteve inserido.

O século XIX, para a América, acaba sendo um momento não só da decadência do domínio espanhol, mas é marcado, também, pela ascensão político-diplomática estadunidense se consolidando como grande potência econômica, subjugando as outras nações aos seus interesses, conforme afirmou Florestan Fernandes (2007). A formação das repúblicas liberais na América-Hispânica é caracterizada por uma luta de afirmação e emancipação dos povos, na busca de construção e consolidação dos famigerados estados nacionais e, conseqüentemente, na tentativa de se defender dos interesses dos Estados Unidos.

Segundo Gunder Frank (1980), enquanto, a Europa no século XIX encontrava-se, praticamente, industrializada, a América, Caribenha e do Sul, sobrevivia do jugo do mercantilismo, da exportação de *commodities*, exercendo o papel de periferia do mundo capitalista. Nessa mesma esteira, Celso Furtado (1986) frisou que a América vivenciava uma relação de dependência diante dos países europeus, mesmo após o processo de

independência da maioria dos países. Cuba e Porto Rico, por exemplo, territórios da Espanha no Oitocentos, dependiam da monocultura da produção e exportação do açúcar e do café que eram enviados para Europa e, em contrapartida, as ilhas recebiam escassos produtos industrializados que serviam somente para atender aos interesses das elites coloniais, das elites locais.

Essa relação de dependência, oriunda da violência da colonização por muitos séculos, ainda estava presente em Cuba, possibilitando compreender, entre outras questões, os motivos da América Latina ser compreendida como periferia do capitalismo europeu. Aliás, como demonstra Enrique Dussel, a América enquanto periferia da Europa nasce desde o primeiro momento, desde a chegada dos europeus no século XVI. Sobre a ideia da periferia, Dussel teceu as seguintes considerações:

Com o colonialismo, os racismos nacionais [...], a “Cultura (ou Civilização Ocidental)” não é só Europa. Agora a Europa é uma “parte” desta cultura. É a cultura e sistema centro-europeu-norte-americano. Por outro lado, o conceito ideológico norte-americano de “Hemisfério Ocidental” exclui o “Sul” África e América Latina são parte geográfica desse Hemisfério, mas não são incluídas: na realidade só se entende o Hemisfério Ocidental Norte”). Em seu sentido mais amplo **a Cultura Ocidental pode ser a cultura da América Latina, pelo menos de suas elites (dos crioulos e mestiços, como pensa Edmundo O’Gorman (DUSSEL, 1993, p. 182-183, grifos nossos).**

Partindo desse prisma, a exclusão dos países periféricos é nítida, havendo um confronto entre a denominada cultura Ocidental, incluindo nessa leitura apenas os Estados Unidos como espaço fora da Europa pertencente ao mundo ocidental. Os países hispano-americanos, região considerada periférica, assim, como todo o Sul global. A leitura de exclusão, de “encobrir” o “outro” (enquanto sujeito), como afirma Dussel (1993), resultou no colonialismo, na exploração das riquezas latino-americanas e, conseqüentemente, na violência contra os povos nativos. O processo de encobrimento foi fundamental para consolidar a colonização, propiciando a desumanização dos latino-americanos, sujeitos a todo tipo de violência e opressão. Esse cenário de periferia do mundo europeu, de violência, colonização e todo tipo de atrocidade estava presente em Cuba dentro do Oitocentos, contexto de atuação de Martí, a ilha caribenha, diferentemente de outros espaços, não havia conseguido conquistar sua independência.

Diante desse cenário de violência, não somente Martí, mas é perceptível que no século XIX surgiram, com certa intensidade, inúmeros intelectuais autóctones, de matizes distintas, com a preocupação de pensar a América Latina e seus flagelos sociais. Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) tinha uma perspectiva conservadora, de eliminação das comunidades indígenas, e adepto contumaz da imigração europeia. José Enrique Rodó (1871-1917) foi um expoente da ideia de “hispanismo” ligado a tradição ibérica. Na

perspectiva do uruguaio, a noção de “latinidade” era a única forma de emancipar o indígena a partir de um processo de europeização e cristianização. Manoel Bonfim (1868-1932) foi um crítico do *modus operandi* colonial com noção dos “males de origens” que afetava o continente americano (CARVALHO, 1998). O supracitado pensador brasileiro, se comparado com os demais intelectuais mencionados, foi aquele que mais se aproximou das ideias de Martí, no sentido de uma perspectiva crítica ao colonialismo europeu na América.

Esses intelectuais, cada um à sua maneira, contribuíram para o nascimento de várias teses que procuraram compreender os problemas inerentes a América Latina no Oitocentos. Martí, não somente por ser objeto dessa pesquisa, mas, indubitavelmente, pode ser considerado como um dos mais influentes dentro do seu contexto, principalmente, pela leitura original e crítica que fez, tanto a Europa quanto aos Estados Unidos, e que esteve presente na maioria dos seus escritos, assim como pelo engajamento prático que teve. Essa última tese ganha notoriedade na medida que se analisa o seu envolvimento com as causas da independência, procurando mobilizar e organizar os cubanos em torno de um movimento revolucionário visando combater as tropas espanholas. Sobre essa organização, Retamar assegurou:

Fica decidido que os diversos clubes de imigrantes cubanos que foram surgindo ao calor da revolução se integrem num organismo unificador e Martí redige as bases desse organismo. Em 5 de janeiro de 1892, em Cayo Hueso, são aprovadas as bases do *Partido Revolucionário Cubano* que, de acordo com seu artigo primeiro, se constitui para conquistar a ‘independência absoluta da ilha de Cuba além de fomentar e auxiliar a de Porto Rico (RETAMAR, 1983, p. 25).

Martí assumiu a liderança da cúpula do Partido Revolucionário Cubano (PRC), organizando as ações práticas e mobilizando os cubanos em torno da luta armada contra o colonialismo espanhol. A organização da luta armada encontrou-se representada pela Guerra Necessária (1895-1898), que se estendeu até mesmo após a morte de Martí, ocorrida em 1895. Sobre a gestação do Partido Revolucionário Cubano é perceptível que a ideia da construção do partido permeava o imaginário do intelectual cubano desde o início da década de 1880, conforme assegurou Retamar:

Martí regressa feliz a Nova York, em princípios de 1892. Conseguiu deitar os alicerces daquele ‘partido revolucionário’ que dez anos antes mencionara a Gómez, em sua carta de 20 de junho de 1882. Pela primeira vez em nossa América se criava um partido político revolucionário (forçosamente multiclassista, mas centrada nos trabalhadores) com o objetivo de preparar e orientar uma guerra de libertação nacional e, mais ainda: para ‘que na conquista da independência de hoje estejam os germes da independência definitiva de amanhã (RETAMAR, 1983, p. 25).

Quando se observa o envolvimento de Martí com a causa da independência de Cuba, conjuntamente, com sua luta incansável pela liberdade de todo o povo latino-americano no Oitocentos, entende-se os motivos que levaram Che Guevara a dedicar a

vitória da Revolução Cubana ao intelectual José Martí. A Revolução se efetivou no início da segunda metade do século XX, mas a ideia de uma Cuba livre, independente, permeou o imaginário de Martí desde muito jovem, desde o período da adolescência, e esse ideal lhe acompanhou até o fim da vida, quando morreu lutando efetivamente contra as tropas espanholas.

A morte de Martí caracteriza a derrota física do intelectual radical, tendo sido colapsado pelas forças do capitalismo colonial. No entanto, o pensamento martiano de liberdade e igualdade permaneceu no imaginário do povo cubano, se consolidando na independência da ilha caribenha no ano de 1898, três anos depois da sua morte, colocando fim ao jugo espanhol em Cuba. A independência não trouxe necessariamente liberdade para o povo cubano, que somente se efetivaria com a Revolução Cubana, entretanto, dificilmente, haveria a Revolução Cubana se não tivesse ocorrido a luta incansável para conquistar a independência. Esse entendimento, voltada para pensar a importância de Martí, aparece no reconhecimento das principais lideranças da Revolução, com destaque para Che Guevara e Fidel Castro¹².

Após a morte de Martí, ano de 1895, o conflito com os espanhóis se intensificou até 1898 com o então júbilo da independência de Cuba. No entanto, a partir desse contexto, os nacionalistas cubanos não conseguiram frear o avanço e a interferência política e econômica dos Estados Unidos, conforme destaca Bandeira (2009). A independência não possibilitou a construção de um estado nacional, pelo contrário, Cuba se viu diante de uma modernização da exploração em larga escala pelo capital estadunidense, isto é, a ilha caribenha foi “dada” ao capital privado dos Estados Unidos. O “capitalismo colonial” foi derrotado, mas o capitalismo imperialista não. Para melhor compreender o poderio dos estadunidenses, as considerações de Bandeira são importantes:

Ao firmar o Tratado de Paris, em 10 de dezembro de 1898, a Espanha, além de renunciar definitivamente à soberania sobre Cuba, cedeu aos Estados Unidos, na condição de colônias, tanto o restante das Índias Ocidentais, inclusive Porto Rico, no Caribe, quanto Gum e o arquipélago das Filipinas, no Oceano Pacífico, onde o governo McKinley, naquele mesmo ano, adquiria também o Haváí (BANDEIRA, 2009, p. 63).

O domínio que os Estados Unidos conseguiu exercer sobre Cuba no final do século XIX, até meados do século XX, representa, também, a derrota do intelectual Martí

¹² “Uma tradição profunda veio de Martí. [...] Era uma filosofia inteira para justificar o porquê e explicar por que em nosso país fomos à extrema luta, já que o país não tinha outra alternativa para obter a liberdade. Nossa Revolução sempre seguiu essa técnica, essa pregação e esse estilo martiano.” (CASTRO, 1971, p. 2). Publicado no jornal Granma, uma entrevista de Fidel Castro comentada. Ver, GONZALEZ, Yaditza del Sol. *Dois Homens, Um Sonho*. Granma, Cuba, 2018. Disponível em: <http://pt.granma.cu/cuba/2018-01-26/dois-homens-um-sonho>. Acessado em 29 de fevereiro de 2020.

para as forças do capitalismo neocolonial, pelo menos dentro desse supracitado contexto. Derrota no campo das ideias, derrota do intelectual que foi colapsado pelo colonialismo espanhol e, posteriormente, pelo imperialismo estadunidense. O capitalismo de tipo colonial havia sido suplantado por outro modelo, não menos exploratório e violento, a saber, o modelo do neocolonialismo, mais bem representado pela consolidação do imperialismo dos Estados Unidos sobre Cuba. No entanto, se a derrota pode ser percebida a partir da ascensão estadunidense, é possível assegurar que a vitória do intelectual Martí sobre o capitalismo imperialista não demoraria muito, tendo se consolidado a partir da Revolução Cubana. A ideia de uma Cuba livre, independente, que sempre permeou o imaginário do revolucionário cubano finalmente se consolidava, porém não com sua presença física.

Considerações finais

O objetivo desse artigo, além de apresentar a autenticidade e originalidade do pensamento crítico de Martí, procurou mencionar os fatores que fizeram com que o intelectual cubano fosse derrotado do ponto de vista político/institucional no contexto que marca a transição do “capitalismo colonial” (espanhol) para aquele de tipo neocolonial (estadunidense). O artigo procurou compreender o teor das críticas Martí à colonização espanhola na América, enfatizando mais detalhadamente Cuba. Assim, apresentou seu pensamento revolucionário em artigos/periódicos e textos literários. Como demonstrado, o posicionamento crítico ao colonialismo se manifestou desde cedo, desde o período da adolescência, quando começou a escrever panfletos denunciando a violência e a opressão que o povo cubano esteve submetido ao longo do processo histórico. O engajamento crítico trouxe inúmeras complicações, entre essas, a prisão e o exílio na Espanha.

Procuramos demonstrar o quanto o professor de Martí, Mendive, foi importante na construção de uma perspectiva crítica ainda sobre o jovem intelectual, apresentando, também, como o próprio professor sofreu perseguições por parte do poderio colonial. Por exemplo, essa perspectiva crítica esteve representada pela ideia de liberdade, não somente do povo cubano, mas de toda a sociedade hispano-americana. Martí, acompanhando o desdobramento das independências das nações americanas, rapidamente, compreendeu que o fim do colonialismo espanhol não significava, necessariamente, a liberdade e autonomia dos povos. Nos seus escritos, jornalísticos e literários, procurou apresentar essa leitura, defendendo incansavelmente a liberdade efetiva dos povos da América. Não deixa de ser interessante observar que foi essa constatação crítica, de permanência e violência

do colonialismo, que passou a vigorar em Cuba após o processo de independência, quando Cuba passou a vivenciar o domínio e a exploração dos Estados Unidos.

Liberdade foi um dos ideais que permeou o imaginário do intelectual cubano durante quase toda a sua vida. No entanto, a denominada derrota de Martí não perdurou por muito tempo, seus ideais, de autonomia e liberdade, finalmente, foram efetivados por meio da Revolução Cubana. Perspectiva reconhecida pelas principais lideranças da Revolução, com destaque para Che Guevara e Fidel Castro que reconheceram em Martí o grande arquétipo do movimento revolucionário. Porém, como procuramos demonstrar ao longo do artigo, no contexto de meados do século XIX até o seu final, não resta dúvida, o revolucionário cubano foi um intelectual derrotado na cena do “capitalismo colonial” e neocolonial. No entanto, a derrota não foi permanente, pelo contrário, seu ideário crítico, em defesa da liberdade dos povos subalternos, ressoou intensamente durante todo o século XX e, indubitavelmente, encontra-se muito presente na contemporaneidade, principalmente, observando-se o movimento de ideias latino-americanas, em prol de liberdade e democracia.

José Martí: the defeat of the radical intellectual on the scene of colonial capitalism

Abstract: This article analyzes the political and intellectual trajectory of Cuban José Martí (1853-1895). The research seeks to observe to what extent the outstanding revolutionary can be considered a collapsed intellectual from a political and institutional point of view, having as protagonists of this defeat the representative forces of “colonial capitalism” in Latin America. We defend the thesis that the defeat represents the continuity of Spanish colonialism, manifested through other forms of oppression present in nineteenth-century America, such as the imperialist neocolonialism of the United States. The temporal and spatial approach emphasizes Cuba from the mid-nineteenth century, having as theoretical framework the primary sources of martian writings, highlighting the Complete Works, among other intellectuals specialized in the studies of his work.

Keywords: José Martí; Cuba; Intellectual.

José Martí: la derrota del intelectual radical en el escenario del capitalismo colonial

Resumen: Este artículo se preocupa por analizar la trayectoria política e intelectual del cubano José Martí (1853-1895). La investigación busca observar hasta qué punto el destacado revolucionario puede ser considerado un intelectual colapsado desde el punto de vista político e institucional, teniendo como protagonista de esa derrota las fuerzas representantes del “capitalismo colonial” y neocolonial en América Latina. Defendemos la tesis que la derrota representa la continuidad del colonialismo español, manifestada por medio de otras formas de opresión presentes en la América del Siglo XVIII, tales como el neocolonialismo imperialista de los Estados Unidos. El recorte temporal y espacial enfatiza Cuba a partir de mediados del siglo XIX, teniendo como marco teórico las fuentes primarias de los escritos martianos, destacando las *Obras Completas*, entre otros intelectuales especializados en los estudios sobre su obra.

Palabras clave: José Martí; Cuba; Intelectual.

Referências

BIANCHI, Álvaro. Gramsci, Croce e a história política dos intelectuais. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, São Paulo, v. 34, nº 99, p. 1-17, 2018.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CARVALHO, Eugênio Rezende. **América para a Humanidade: o americanismo universalista de José Martí**. Goiânia: Editora UFG, 2003.

CARVALHO, Eugênio Rezende. **Nossa América: A Utopia de um Novo Mundo**. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2001.

CARVALHO, Eugênio Rezende. Ideias e identidades da América: Quatro Visões. **Anais eletrônicos do III encontro da ANPHLAC**, São Paulo: P.1-19, 1998.

CHAUÍ, Marilena. História no pensamento de Marx. In: BORON, Atilio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (Orgs.). **A Teoria Marxista Hoje: problemas e perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO, 2007.

CHAUNU, Pierre. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1971.

DUSSEL, Enrique. **1492: O encobrimento do outro: A origem do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FRANK, Andre Gunder. **Acumulação Dependente e Subdesenvolvimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

FERNANDES, Florestan. **Da Guerrilha ao Socialismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FURTADO, Celso. **A Economia Latino-Americana: formação histórica e problemas contemporâneos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1986.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GONZALEZ, Yaditza, del Sol. **Dois Homens, Um Sonho**. **Granma**, Cuba, 2018. Disponível em: <http://pt.granma.cu/cuba/2018-01-26/dois-homens-um-sonho>. Acessado em 29 de fevereiro de 2020.

LOPES, Carlos. Prefácio. In: MARTÍ, José. **Versos Singelos**. Tradução de Sidnei Schneider. Porto Alegre: SBS, 1997.

LINCH, John. As Origens da Independência da América Latina. In: BETHELL, Leslie. (Org.). **História da América Latina: da independência até 1870**. Volume III. São Paulo: USP, 2001, p. 19-72.

O'GORMARN, Edmundo. **A Invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir**. São Paulo: UNESP, 1992.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo Cubano Del Tabaco y el Azúcar**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.

PRADO, Maria Ligia Coelho. **América Latina no Século XIX**: tramas, telas e textos. Ed. USP, 2014.

PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMOS, Julio. **Desencontros da Modernidade na América Latina**: Literatura e Política no século XIX. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

RETAMAR, Roberto Fernandes. **Nossa América**. São Paulo: HUCITEC, 1983.

Fontes Primárias

MARTÍ, José. El Presidio político en Cuba. In: MARTÍ, José. **Obras Completas**. Volume 1. Centro de Estudios Martinos e Karisma Digital, 2001, p. 45-74.

MARTÍ, José. Esmaelillo. Nueva York, [não há ano de publicação]. In: **Obras Completas**. Volume 16. Centro de Estudios Martinos e Karisma Digital, 2001, p. 19-53

MARTÍ, José. Versos Sencillos. Nueva York, 1891. In: MARTÍ, José. **Obras Completas**. Volume 16. Centro de Estudios Martinos e Karisma Digital, 2001, p. 63-125.

MARTÍ, José. Abdala. La Patria Libre. Habana, 23 de octubre 1869. In: MARTÍ, José. **Obras Completas**. Volume 18. Centro de Estudios Martinos e Karisma Digital, 2001, p. 11-24.

MARTÍ, José. Sr. Mendive. [sem local de publicação] 1868. In: MARTÍ, José. **Obras Completas**. Volume 20. Centro de Estudios Martinos e Karisma Digital. 2001, p. 245.

MARTÍ, José. Sr. Mendive. [sem local de publicação] 1869. In: MARTÍ, José. **Obras Completas**. Volume 20. Centro de Estudios Martinos e Karisma Digital, 2001, p. 246-247.

MARTÍ, José. A Rafael Maria de Mendive. [sem local de publicação] 15 de janeiro, 1871. In: MARTÍ, José. **Obras Completas**. Volume 20. Centro de Estudios Martinos e Karisma Digital. 2001, p.247.

Sobre os autores

Iago Brasileiro da Silva Rocha - Graduado e Mestre em História pela Universidade Estadual de Goiás.

Lucas Pires Ribeiro - Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa pela Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em História pelo PPGH da Universidade Federal de Goiás. Especialista em História do Imaginário e Literatura. Graduado em

Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Itapuranga.
Professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de
Itapuranga.

Recebido para publicação em junho de 2021

Aceito para publicação em outubro de 2021